

# AGB: DESEJOS DE TRANSFORMAÇÕES

## AGB: Desires of transformations

## AGB: los Deseos de transformaciones

**Zeno Soares CROCETTI**

AGB Curitiba

Professor de Epistemologia da Geografia na UNIBEM

Presidente da AGB na gestão 1992-94.

"Toma meus desejos por realidade, porque eu creio na realidade dos meus desejos."  
(Grafite do maio francês em 1968)

**Resumo:** Nossa proposta nesse breve resgate da história da AGB no Paraná propõe apresentar uma historicidade sucinta da AGB, uma vez que o tempo foi muito exíguo para fazer uma pesquisa mais detalhada e com um caráter mais técnico científico, não sendo possível usaremos esse momento, como pretexto para estabelecer um diálogo amplo e franco sobre o papel na associação, sua função social e política. A Associação dos Geógrafos Seção Curitiba constitui-se numa das mais importantes instituições de geógrafos no Brasil. Nela convivem múltiplas correntes e tendências que representam a geografia brasileira. Organizada desde 1938, a Seção Curitiba tinha objetivos bem diferentes dos atuais. Ela originou-se de intelectuais da elite paranaense dos anos 30 a 50. Nesse projeto de ação citamos José Loureiro Fernandes, João José Bigarella e Reinhard Maack, pela excepcional contribuição.

**Palavras chaves:** Geografia, história, trajetórias, diálogo, transformações.

**Abstract:** Our proposal in that abbreviation rescues of the history of AGB in Paraná she intends to present a brief historic of AGB, once the time went very small to do a more detailed research and with a scientific more technical character, not being possible will use that moment, as excuse to establish a wide and frank dialogue on the paper in the association, your social and political function. Geographers Seção Curitiba Association constitutes one of the most important institutions of geographers in Brazil. In her multiple currents and tendencies that represent the Brazilian geography live together. Organized since 1936, the Seção Curitiba had objectives very different from the current ones. She originated from intellectuals of the elite paranaense of the years 30 to 50. In that action project we mentioned José Loureiro Fernandes, João José Bigarella and Reinhard Maack, for your exceptional contribution.

**Key words:** Geography, history, paths, dialogue and transformations.

**Resumen:** Nuestra propuesta en esa abreviación rescata de la historia de AGB en Paraná que ella piensa presentar un informe histórico de AGB, una vez el tiempo fue muy pequeño para hacer una investigación más detallada y con un carácter más técnico científico, no siendo posible usarán ese momento, como la excusa establecer un diálogo ancho y franco en el papel en la asociación, su función social y política.

La Associação de Geógrafos Brasileiros, Seção Curitiba constituye hoy una de las Instituciones geográficas de Brasil. En ella conviven las múltiples tendencias que representan la geografia brasileña. Organizada en 1936, la Associação de Geógrafos Brasileiro, Seção Curitiba tenía objetivos fundacionales diferenciados de los actuales. Dicha asociación aparece altamente imbricada en el proyecto político territorial de la élite ilustrada paranaense de los años 30 a 50. En ese proyecto la acción de José Loureiro Fernández, João José Bigarella e Reinhard Maack y, en especial, su concepción del proceso de "Geografía Física do Paraná".

**Palabras clave:** La geografía, historia, caminos, diálogo y transformaciones.

Terra Livre	São Paulo	Ano 20, v.1, n. 22	p. 125-132	Jan-Jul/2004
-------------	-----------	--------------------	------------	--------------

## Introdução

Vendo, ouvindo e lendo as falas sobre a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) nesses últimos 20 anos, e nesse contexto de turbulências mundiais, a sensação de insegurança diante dos desafios que nos são colocados permanentemente, está cada vez mais mesclada às contradições de sermos geógrafos (e, com orgulho, professores de Geografia).

A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) constitui hoje a principal instituição científica e de categoria em nível nacional, com maior número de membros e com representação em quase todos os estados brasileiros. Nela convivem as múltiplas tendências que representam a geografia brasileira. Seus associados são geógrafos, professores universitários, de ensino médio e fundamental, pesquisadores, estudantes de geografia, especialistas em ciências afins e estudiosos em geral.

Desde a sua fundação, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, AGB, há setenta anos atrás, é parte indissolúvel do processo de produção e formação da Geografia brasileira. Apesar da denominação, durante muitos anos foi uma instituição paulista, uma vez que só promovia suas reuniões em São Paulo, e mantinha um caráter centralizador, sem a participação plena de seus sócios, embora tivesse sócios espalhados por todos os cantos do território brasileiro, talvez por esse histórico, até os dias de hoje muitos sócios, inclusive seções locais acabam sendo envolvidos pela hegemonia paulistana, como fica explícito na pesquisa de Andrade (145:1991).

(... Os intelectuais pesquisadores paulistas anteriores a AGB não foram absorvidos pelo grupo agebeano, pois eles tinham uma maior preocupação política e centravam os seus ensaios na direção de uma redivisão territorial do Brasil, profundamente radical, a fim de destruir os chamados sentimentos regionais, que contrariavam o núcleo de intelectuais profundamente comprometidos com suas origens. Eles defendiam uma centralização política que fatalmente conduziria a uma ditadura de direita: eram muito influenciados também pelas teorias deterministas de Ratzel, enquanto o Brasil, que importara professores franceses para fundar os seus cursos de Geografia – Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig e Francis Ruellan, entre outros –, orientou-se, a partir daí, para o ambientalismo e para a geografia regional de Vidal de la Blache.)

Em entrevista a AGB no 9º ENG, em Presidente Prudente-SP, Orlando Valverde relatou como a geografia brasileira avançou e como é importante uma entidade como a AGB. Ele disse ter participado do IX Congresso Brasileiro de Geografia, promovido pela Sociedade Brasileira de Geografia, na cidade de Florianópolis em 1940. Relata Valverde que

*... A 2ª Guerra Mundial estava deflagrada. A França já havia caído. A propaganda nazista laurava no Sul do Brasil. Na exposição de mapas, anexo ao Congresso, organizado pelo conselho Nacional de geografia (CNG), o cônsul alemão depositou um grande caixote, com livros de propaganda nazista, para serem distribuídos à tarde. No horário de almoço, com o recinto da exposição fechado, furtivei o caixote, auxiliado por alguns colegas, e o joguei no mar."*

Através desse depoimento e de vários outros é possível ter uma idéia de como era organizada a corporações de geógrafos antes da AGB, que orientações e que ações eram levadas aos encontros, esse talvez tenha sido um dos motivos do rompimento dos novos geógrafos e os antigos intelectuais.

Mas, apesar desse caráter hegemônico, nossa AGB tornou-se verdadeiramente nacional, depois de 1944, quando a partir da Assembléia Geral de Lorena, começou uma cooperação de trabalho entre os vários geógrafos sócios da entidade, embora com um perfil aristocrático, uma vez que foram criadas duas categorias de sócios; os efetivos, com direitos plenos, e os cooperadores, constituídos pelos demais sócios sem direito de intervir e participar das decisões da entidade, ou seja, o centralismo de alguns membros durante muito tempo impediu o crescimento da Entidade, uma vez que através desse processo de centralização afastava os demais sócios das discussões e dos rumos da Associação, gerando uma crise, como interpreta (Mamigonian, 1991, p. 160-161.).

*A pobreza política de algumas correntes estudantis liberadas por geógrafos "iluminados" criou na AGB um clima de relativização absoluta do indivíduo e sua inserção forçada a "comunhão coletiva" dos "filhos da história", visando apagar diferenças de opiniões à custa da supressão dos "inimigos", à custa da verdade revelada de um "marxismo" de terceira classe. Felizmente a vida não pára e há todo um trabalho de reconstrução cultural em andamento na geografia, que começa a dar seus primeiros frutos. Qual, o clima moral, ideológico e intelectual dentro do qual atuam a AGB e os Departamentos de Geografia das universidades?*

*Ao paternalismo conservador dos primeiros tempos, seguiu-se um paternalismo populista e pós o AI-5, que rompeu a unanimidade na geografia brasileira, foi se abrindo uma fase de ruptura das corporações de ofício, tanto nos Departamentos de Geografia como na AGB, provocando um certo grau de concorrência capitalista. As características éticas existentes anteriormente (honra, amizade, fidelidade, etc.) foram perdendo importância na medida em que a concorrência aumentava.*

O processo de ruptura desse modelo, ou por outras palavras, a democratização da AGB, teve início da década de setenta, em pleno regime militar, quando os sócios efetivos não puderam conter a pressão das bases (os estudantes) e dos novos geógrafos, desejosos de transformações e de participarem da direção da entidade. A partir desse momento, as Assembléias Gerais foram substituídas por Encontros Nacionais, que passaram a agrupar centenas de geógrafos e a se realizar em grandes cidades que pudessem atender à demanda dos participantes. Nessa época o IBGE, a UNESP campos de Rio Claro e a UFRJ, se afastaram da AGB, e passaram a desenvolver estudos e pesquisas fora da AGB, e publicaram numerosos trabalhos baseados na quantificação. As divergências se acentuaram, pois nessa fase era o auge da ditadura, a luta entre os quantitativos e os militantes orgânicos nacionalistas se exacerbou do ponto de vista político. O choque definitivo se deu no ENG de Fortaleza em 1978, quando a comunidade se dividiu e os estudantes apoiados por novos geógrafos, passaram a controlar o processo decisório na AGB.

A partir dessas questões e de outras, vimos compartilhar a feliz responsabilidade de não sermos uma geração perdida porque oferecemos algo novo às gerações com as quais convivemos!

## **Seção Paraná**

Fruto desse processo, sempre houve muita desigualdade entre as várias seções da AGB, que se constituíram depois dessas rupturas, isso ocorreu muitas vezes devido seus vícios de origem, pois algumas Seções surgiram de rachas dentro dos departamentos universitários de geografia, desse modo umas são de origem acadêmica, outras como dissemos de origem estudantil, ou de grupos de professores do ensino básico e médio e alguns geógrafos de instituições públicas como o IBGE. Essa sociodiversidade foi construída deformada na origem, resultando nessa falta de unidade atual, do ponto de vista da linguagem e da ação, daí essa diversidade de AGB's, umas mais independentes, com vida própria, e outras totalmente apáticas e dependentes da nacional. Pois desde seu início (inspiração/motivação) e seu fim (objetivo político, finalidade e papel da Entidade), não se encontram claros isso fica evidente, pois nos últimos encontros a AGB só tem se encontrado, mas não se articula minimamente para discutir um projeto, e deixando as discussões em torno de proposições para o futuro da entidade e sua sucessão, ou seja, articulação de uma diretoria fica sempre para a plenária final, onde vários grupos, com entendimentos diferentes sobre a entidade acabam se digladiando entre si, muitas vezes para marcar posições, não necessariamente preocupadas com o sucesso e futuro da AGB. O que muitos sócios têm reconhecido, e sua capacidade em organizar encontros acadêmicos com uma boa qualidade, com isso, ela só conseguiu foi reforçar e gerar uma visão de Entidade promotora de "encontros".

## **A gênese**

A origem da AGB Curitiba teve início com a criação do Núcleo Municipal de Curitiba, em sua primeira versão de 23 de agosto de 1936, por iniciativa do antropólogo José Loureiro Fernandes e seu amigo Francisco Beltrão, que freqüentavam as reuniões da AGB em São Paulo,

e criaram o Núcleo de Curitiba da AGB. No início funcionava como se fosse uma espécie de extensão da AGB Paulistana, mas não como uma seção corporativa de geógrafos, funcionava mesmo como um fórum científico de reuniões acadêmicas livres, ou seja, não se discutiam somente a ciência geográfica, mas faziam-se seções para discutir saúde pública, questões de direito, edificações populares, saneamento, etc., já que os perfis de seus sócios eram diversos, médicos, engenheiros, advogados, filósofos, e não existiam profissionais de geografia, uma vez que o curso de geografia em Curitiba ainda não havia sido criado, fato que só ocorreu em 26 de fevereiro de 1938, na recém fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, com o nome de Geografia e História com faculdades livres, mantidas pelos Irmãos Maristas.

Em entrevista, o professor Bigarella relatou suas experiências nas seções noturnas da AGB Curitiba; elas se realizavam à noite, no auditório do Ciclo de Estudos Bandeirantes e no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Curitiba, nos porões da casa do professor José Loureiro, que ficava abaixo do nível da rua, logo apelidado de "catacumbas", sempre às quintas-feiras, e aconteciam disciplinadas, palestras, debates, mediante sorteio prévio de temas, por meio do qual um membro encarregava-se do procedimento. Aos poucos, as seções foram se fortalecendo a ponto de surgir idéias de organizar por conta de cada palestrante seminários, cursos, tais como de etnografia, geografia humanística, geografia econômica, filosofia, antropologia, geologia etc.

Em 1954, depois das reformulações estatutárias da AGB, ocorridas no primeiro Congresso Brasileiro de Geógrafos, realizado em Ribeirão Preto em julho de 1954, o núcleo de Curitiba se transformou na Seção Regional Paraná por iniciativa de vários geógrafos, geólogos e historiadores, com destaque especial do professor Reinhard Maack, primeiro diretor e seus colegas João José Bigarella, Riad Salamuni, Cecília Westenphalen, Altiva Pilatti Balhana, Artur Barthelmess e Igor Chmyz, entre outros. Essa segunda fase foi quando realmente se estruturou a AGB Curitiba, e passa ter em seu quadro efetivamente geógrafos, já formados em Curitiba, e que freqüentavam as reuniões da AGB, e que trouxeram essa experiência para Curitiba, fazendo excursões, trabalhos de campo, pesquisa, reuniões científicas, debates versando sobre questões do conteúdo geográfico. Foi nesse período que entrou em circulação a mais importante publicação da Seção; o Boletim Paranaense de Geografia, cujo número 01 foi publicado em junho de 1960.

*"O eminente professor José Loureiro Fernandes organizou o primeiro Congresso Paranaense de Geografia e História, realizado em Paranaguá no dia 26 de julho de 1948, nessa época José Loureiro era secretário da Educação e Cultura do Paraná. O acontecimento foi um dos mais importantes. Foi realizado no salão nobre do célebre Club Litterario, que abrigou os participantes em número expressivos cerca de 200 professores e intelectuais paranaenses, o tema versou sobre as Bandeiras e a História do Paraná. Também versaram sobre os Planaltos paranaenses e a excepcional corrida ao "ouro verde" no norte do estado, era o auge da produção de café. Loureiro Fernandes, ainda foi responsável pela realização do 2º e 3º Congresso Paranaense de Geografia e História na cidade de Curitiba." (Hoerner Jr., 2003, p. 61-62.)*

Sua sucessora AGB Seção Curitiba, depois do Encontro Nacional de Geógrafos de Fortaleza 1978, e da reunião especial de São Paulo 1979, que renovou a geografia agebeana, e instituiu uma mudança estatutária e estrutural na entidade, extinguiu as seções Regionais, entre elas a Paraná, instituindo a estrutura atual, com seções locais, deixou um vácuo na Entidade de 1979 até início de 1981, ou seja, os sócios da Seção Paraná se alinhavam mais aos moldes aristocráticos da velha AGB, assim fecharam a Seção, não dando mais satisfação a AGB nacional, e se alinhando ao quantitativismo de Rio Claro, sendo seu satélite para divulgar suas pesquisas através do Boletim de Geografia Teórica, essa ligação foi tão estreita que os primeiros pós-graduados do Departamento de Geografia da UFPR saíram todos de Rio Claro, mestres e doutores. Logo após esse hiato um grupo de geógrafos liderados por Paulo Cesar Rizzo Cerdeira e seus colegas Dayse Cristina Senna Lorusso, Tânia Mara Costa, Naldy Emerson Canali, Jônia Mara Urban Loenert e Everton Passos, entre outros, refundaram a AGB Seção Curitiba em 29 de junho de 1981.

Nessa terceira fase a AGB Curitiba vem se reestruturando para atender os anseios de seus sócios, agora através de gestões democráticas onde todos os sócios independentes de seu status participam de igual para igual das decisões da Entidade, votando e sendo votado, sem nenhuma restrição de cunho elitista, as condições para plena cidadania na AGB Curitiba é preencher uma ficha de filiação, ser aprovado em assembléia e quitar sua anuidade, portanto só critérios técnicos administrativos.

Nossa Seção, bem como as duas nacionais (paulista e carioca), nasceram com as mesmas preocupações, ou seja, constituir uma entidade de caráter técnico científico independente, para fazer pesquisas puras, bem como fazer Seções para debater seus resultados, bem como publicar esses resultados, isso fica evidente nos registros das atas da entidade, onde aparecem registros de seções noturnas, de aperfeiçoamento do estudo da geografia, ou seja, com o objetivo de instrumentalizar a fraca formação acadêmica dos anos 40 e 50, essas discussões a título de suplementação, regularmente uma vez por semana, além de seções de relatos de expedições e pesquisas de campo, logo essas atividades geraram um grande acervo técnico, o que resultou em vários tipos de publicações.

## Publicações

Durante essa longa trajetória da AGB Curitiba, muitas foram às publicações, algumas vingaram, outras fizeram história, outras desapareceram e finalmente outras fazem história hoje, dizem que uma das formas fundamentais do exercício da dominação é roubar de um sujeito seu direito à palavra, o direito de pensar em voz alta. Quando se rouba de alguém o direito à palavra, esse roubo de um grupo ou classe social não é casual, ele é um exercício de poder por isso é muito importante que se fale, essa é uma tarefa política muito importante.

Pois como sabemos nos "anos dourados", Andy Warhol, um dos gurus do movimento Pop Art, anunciou que "no futuro, todo mundo vai ser famoso por quinze minutos". Parece que já vivemos isso: o efêmero, o simulacro, a simulação virtual e o fugaz dão as cartas e ao mesmo tempo em que jamais tantas pessoas tiveram acesso a tal volume de informações e de conhecimentos (internet e outras infovias), jamais essas mesmas informações e esses conhecimentos estiveram de tal forma condicionada pelas modernas máquinas censurantes (os controladores da mídia, CNN, ABC etc.), uma ordem econômica mediada por uma ordem do discurso que exclui, pasteuriza e rarefaz o que pode ser dito. Além de deixar para trás um rastro odioso de desemprego estrutural sem fim. Por outro lado, o maior exercício da democracia é o acesso à informação, conscientes dessa responsabilidade, apresentamos uma feliz trincheira de resistência e democracia ao longo dessa gloriosa história agebeana.

• **Boletim Paranaense de Geografia**, editado pelo geógrafo/geólogo João José Bigarella, lançado em 1960 em seu número 01 que chegou até o número 24, atualmente com o nome de Boletim de Geociências é editado pelo departamento de geologia, chegou em 2001 ao número 46, estando ainda em circulação. No período em que esteve sob a responsabilidade da AGB Paraná, foram editados mais de 130 artigos, além de 78 notas, 39 transcrições de textos diversos, 19 comentários e relatos de viagens de campo e diversos comentários bibliográficos. Dentro do projeto editorial da AGB Curitiba, serão num futuro próximo, reeditado vários textos clássicos e inúmeras metodologias de trabalho de campo.

- **Caderno Paranaense de Geografia**: 17 artigos em 2 volumes de 1983 a 1984;
- **Boletim Informativo da AGB Curitiba**: textos informativos, 13 números de 1984 até 1988;
- **AGB Informa**, depois de 1990, com mais 20 números impressos, ainda em circulação;
- **Anais** de Encontros da AGB Curitiba; a partir de 1985, com 10 volumes publicados, o último 2003, com os anais do 1º Encontro Sulbrasileiro de Geografia.
- **Jornal O Tingüi**, com dois números publicados, constituiu-se num marco pois, publicado no calor da Guerra do Golfo, foi um porta voz dissonante da mídia caseira.
- **Revista Paranaense de Geografia**: tem início sua publicação em 1996, conta com 7 números publicados até o momento, com cerca de 70 artigos, 7 resenhas, 5 textos históricos e 6 notas. Passa por reformulações de formato, editorial, e estrutural, deverá circular com o novo formato a partir de 2004.

• **Revista Paranaense de Geografia em CD-ROM**, em meio eletrônica, é a primeira revista do Brasil especializada em geografia, encontra-se atualmente com 8 números editadas, chegando ao número 9 agora em 2004.

• **Coleção Municípios Paranaenses** (Livros): Edição de textos e pesquisa nos municípios paranaenses, teve início em 2002 com o município de Três Barras do Paraná.

## As crises

No Paraná, atualmente, temos cinco Seções Locais, Curitiba, Londrina, Maringá, Francisco Beltrão e Cândido Rondon, chegamos a organizar outras 4, Ponta Grossa, Cornélio Procopio, Jacarezinho e União da Vitória, que tiveram vida curta, pois foram criadas com a preocupação científica, depois acadêmica e profissional (MEC e CREA/CONFEA), mas se transformaram em palco para disputas de interesses pessoais, e políticas locais, regional e nacional. Mamigonian (1991, p. 162) captou desta maneira essas crises dentro da AGB:

(...)“O clima acima descrito não poderia deixar de ter reflexos na AGB. Hoje as assembleias nacionais da entidade (por exemplo, João Pessoa - 2002) destinam-se, principalmente, aos iniciantes, em decorrência da aliança morna entre os professores mais novos e os movimentos estudantis, num novo tipo de populismo dos pobres (paternalismo de esquerda). Mas nem sempre aos iniciantes que devem ser considerados futuros mestres, que aprimorando duramente seus conhecimentos alcançarão a maturidade intelectual. No lugar disto, freqüentemente se propõe a coexistência passiva de um lado, dos mestres “iluminados” (que substituem os antigos medalhões, os antigos mandarins, etc.), que cultivam ciúmeiras mortais entre si, e de outro lado à massa ignara que precisa ser reeducada e transformada em massa de manobra de eventos políticos minúsculos.

Na verdade, a geografia perdeu espaços diante de outras áreas de conhecimento (economia, engenharia, geologia, etc.), mas felizmente a quebra da unanimidade pelo AI-5 foi permitindo clarear a existência de esquerda, direita, centro, etc. na geografia brasileira. Por outro lado, à medida que a hierarquia e os modelos entraram em crise foi possível iniciar caminhos menos limitados, bem como foram estimuladas as tentativas teóricas e empíricas diferenciadas.”

Sempre e salutar dizer, que disputas de espaços; de projetos políticos, de entendimento do que seja a entidade, ou qual o modelo que queremos, disputas essas feitas no campo político e democrático é de lei, ou seja, são eticamente válidas, e necessárias para o fortalecimento e renovação da entidade, portanto se faz necessário esclarecer essas disputas por espaço, não é guerra sem sentido, é a possibilidade da diferença, é ter uma leitura diferente, e querer ser ouvido, é querer ter suas idéias e propostas debatida, em fim, avaliada e submetida ao coletivo da AGB. Precisamos entender que na AGB, com crise, ou sem a crise, que não somos super (homem, mulher), portanto não conseguimos resolver tudo sozinhos, por isso a importância de partilhar experiências, democratizar “o fazer a AGB”, penso que para sair desse modelo distorcido, precisamos de unidade, não de padronização de comportamentos! Ou seja, para o bem da democracia e da AGB, temos que investir no debate, no diálogo, isto é, procurar a unidade de propósitos, dentro da pluralidade de opiniões. Essas questões que atormentam as Seções Locais do Paraná, também se refletem nos embates nacionais e de outras Locais.

## Problemas

Muitos companheiros já publicaram muitos textos sobre a AGB, fazendo reflexões à cerca desses problemas levantados, e outros, querendo e sugerindo novos caminhos para a AGB, tais como:

Há 20 anos os geógrafos (bacharéis) e pesquisadores de entidades públicas e privadas vem se afastando da entidade, isso vem fragmentando a associação, através de encontros paralelos, (Agrária, Urbana, Meio Ambiente, Geomorfologia, Física etc.).

A produção da AGB nacional, revistas, boletins, e jornais, deveriam ter um caráter

realmente nacional, e científico, pois o que se percebem e que em muitas vezes as publicações sobre a responsabilidade da DEN, não cumprem o papel para qual foram pensadas, uma vez que seus dirigentes fazem uma gestão, muitas vezes privada de caráter pessoal, não lembrando que eles dispõem de um cargo representativo, para tanto deveriam propor um plano ou projeto editorial na qual deveriam ser referendados em RGC, pelas locais, dispendo nesse sentido de uma representação legitimada no debate e na participação dos associados, essas questões levantadas acabam sendo o mesmo problema das comissões temáticas.

Quanto aos eventos, encontros e congresso, muitos sócios pedem mudanças qualitativas nos encontros, quanto ao caráter científico, com teses, e aulas de campo, prática, com debates de questões teóricas para se chegar à solução de problemas práticos, não derivar de situações hipotéticas, mas práticas.

## Alternativas

De muitos agebeanos que conheço, já ouvi inúmeras vezes a seguinte constatação sobre a práxis de vários militantes atuantes dentro da AGB: procura-se um Brasil para pesquisar, encontra-se uma AGB para construir e se envolver.

Para muitos colegas, a sua ação é básica; entender, opinar, e ensinar, com conhecimento de causa, essas seriam as nossas tarefas como geógrafos perante a sociedade, mas nosso projeto não se esgotaria nisso, como se fosse pouco? Qual seria nossa proposta efetiva, o que temos produzido e feito para alcançar a sociedade?

Será sempre necessário dizer que nossa sociedade científica se difere das demais. Primeiro, por seu caráter nacional, depois por sua forma organizacional, depois por sua estrutura precária e, principalmente, pela coisa mais importante, a autonomia total, não sendo governamental, não estando sujeito ao aparelho do Estado, ou seja, não recebendo nenhuma subvenção do governo, sua diretoria não se beneficia de nenhuma mordomia institucional, ou seja, não são afastados de suas atividades para atuarem na AGB, não recebem salário, também não recebem diárias, muitas vezes inclusive devem pagar para trabalhar, pois se trata de uma entidade da Sociedade Civil, sustentada por trabalho voluntário dos seus associados, e se alcançou uma presença ininterrupta de 70 anos na realidade brasileira, e se sempre esteve atuante, atualizada e consoante com os anseios e propósitos firmes, isso foi possível porque sempre pode contar com companheiros e companheiras, decididos e empenhados mesmos em períodos de exceção, de crises, e que transitaram de acordo com os desafios a que foram submetidos e reconhecidos a cada momento ou período da nossa trajetória. Mamigonian (1991, p. 162) vê uma saída possível desse impasse, agindo assim:

“Mas há muito combate a se travar na AGB e nas demais entidades de Geografia:

- 1) necessidade de elaborar um projeto para a geografia brasileira, tanto a nível interno como para nossas relações internacionais, como tem proposto seguidamente M. Santos;
- 2) prosseguimento das discussões dos paradigmas de formação sócio-espacial, geossistemas, etc.;
- 3) preocupação pela qualidade da produção geográfica como critério básico a considerar;
- 4) combate à doença infantil do “militantismo” como critério de participação nos programas da AGB;
- 5) combate à política de facções estudantis e adolescências senis numa entidade como a AGB;
- 6) preocupação pelo pluralismo e tolerância entre os geógrafos, não importando idade, sexo ou teologia...
- 7) estímulo ao debate democrático nas publicações (exemplo, resenhas científicas), a retomada dos trabalhos de campo na AGB, etc.;
- 8) preocupação pela eficiência, autonomia e maior inserção verdadeira nas lutas presentes da sociedade brasileira.

São tantos os agebeanos que têm construído a(s) Geografia(s) no Brasil que qualquer texto seria insuficiente para indicar a riqueza de nossa atuação. A história da AGB não deve ser contada apenas como referências cronológicas e factuais, nem somente narrando experiências, mas trazendo a gama de convivências que expressam uma parte de projetos de vida, onde a geografia tem tido lugar certo.

O projeto se ele vier a ser construído, deve levar em conta a liberdade de expressão das diversas correntes de pensamento que existem, ou possa existir dentro da Entidade, no sentido de elaborar propostas, para eventos ou publicações, que serão avaliadas e discutidas pela DEN, e postas em votação caso não se chegue a consenso. Poderia ser através de grupos de trabalho permanentes, ou não, em RGCs regionais com a presença da DEN, para aglutinar e discutir projetos, formular propostas etc.

As publicações nacionais poderiam ser por regiões, para que todos se vejam contemplados e representados. Deveríamos também lutar pela efetivação das redes das Comissões Nacionais e prioriza-las. Criar cursos e aulas de campo, colóquios, como nos bons tempos da AGB, para gerar caixa, aumentar a profissionalização da AGB, através da vinculação da Entidade como Utilidade Pública, onde poderia desenvolver projetos que poderiam torna-la auto-sustentável, pois já existem várias experiências concretas hoje funcionando em seções Locais.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Manuel C. de. *Geografia: Ciência da Sociedade*. São Paulo: Atlas, 1987.
- ANDRADE, Manuel C. de. A AGB e o pensamento Geográfico Brasileiro. *Terra Livre*. São Paulo: nº09, p. 143-152, jul/dez. 1991.
- BIGARELLA, João J. Noticiários da AGB Paraná. *Boletim Paranaense de Geografia*. Curitiba: nº 01, p. 60-67, 1960.
- BIGARELLA, João J. Noticiários da AGB Paraná. *Boletim Paranaense de Geografia*. Curitiba: nº 02, p. 63-67, 1961.
- HOERNER JR, Valério. *José Loureiro; O Homem e o Meio*. Curitiba: Champagnat, 2003.
- MAMIGONIAN, Armen. A AGB e a produção Geográfica Brasileira: Avanços e Recuos. *Terra Livre*. São Paulo: nº 08, p. 157-162, jan/jun. 1991.
- MARANHÃO, Eny C., MOELLER, Alda. A. *História do curso de Geografia da UFPR*. Curitiba: IU da UFPR, 2002.